

## ASPECTOS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB

Andressa Barbosa de Farias Leandro<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho problematiza a educação não formal na cidade de Campina Grande-PB entre as décadas de 1980-1990, por meio dos Grupos de Escoteiros General Sampaio, Santos Dumont e Baturité. Para responder as indagações as quais se propõe, o presente artigo se ancora nas fontes imagéticas e impressas, tais como fotografias, cartas de fundações, livros de atas, registros de membros escoteiros, Leis, relatórios da União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e reportagens de jornais, publicadas no Diário da Borborema e Jornal da Paraíba. O trabalho balizado pela articulação entre as fontes impressas, imagéticas e análise da bibliografia sobre o escotismo e a educação não formal, produzidas por Gohn (1998, 2006), Baden-Powell (1986, 2006), Nascimento (2008) e Blower (1994); constatou que os Grupos de Escoteiros na cidade de Campina Grande se constituíam em espaços de educação não formal, que intencionavam educar crianças e jovens por meio do método escoteiro, idealizado pelo inglês Baden-Powell, no início do século XX.

**Palavras-chave:** Educação não formal, Campina Grande, Grupos de Escoteiros.

### INTRODUÇÃO

Os Grupos de Escoteiros de Campina Grande se inserem na modalidade da educação não formal, visto que são espaços de formação de saber que visam à complementação da educação de crianças e jovens. Mas o que significa o conceito educação não formal? Como ocorre o processo de aprendizagem no método de educação não formal do Movimento Escoteiro<sup>2</sup>?

Um dos fenômenos mais significativos do processo social contemporâneo é a ampliação no conceito de educação e a diversificação nas atividades pedagógicas (LIBANÊO, 2001). A educação não se restringe à educação escolar, ela é apenas uma das modalidades de educação, pois não há um único modelo de educação, nem uma forma única de educar (BRANDÃO, 2001). A educação ocorre de diversos modos e em diversos espaços. Existem inúmeros agentes educativos que colaboram para o desenvolvimento pleno do sujeito. Segundo a UEB (2005, p. 11), a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) sugere três tipos distintos de modalidades educativas que colaboram para o desenvolvimento pleno do sujeito:

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. andressa-leandro@hotmail.com

<sup>2</sup> O escotismo foi idealizado, no início do século XX, precisamente no ano de 1907, pelo general inglês Robert Baden-Powell. Inicialmente gestado para complementar a educação de jovens ingleses, o escotismo logo se

Educação formal é todo o sistema educacional hierárquico e cronologicamente estruturado, que se estende desde o ensino fundamental até o ensino superior. Educação informal é todo o processo pelo qual cada pessoa adquire atitudes, valores, habilidades e conhecimentos por meio da experiência diária, da família, dos amigos, dos grupos, pares, dos meios de comunicação e de outras tantas influências e fatores do ambiente. Educação não formal é a atividade organizada, fora do sistema formal estabelecido, que está destinada a servir a uma determinada clientela de aprendizagem, com objetivos educativos identificados. (UEB, 2005, p.11).

Para a UNESCO, a aprendizagem se estende a diversos momentos da vida, não podendo ficar reduzida apenas a uma forma educativa. A terminologia formal/ informal e não formal surgiu, na década de 1960, em um momento de “crise da educação”. Nesse contexto, era reivindicada uma educação permanente, capaz de abranger todas as faixas etárias e todos os aspectos sociais da vida do indivíduo ou mesmo da coletividade (FÁVERO, 2007).

A Conferência Internacional sobre Educação realizada na Virgínia, nos Estados Unidos, no ano de 1967, apontou para a necessidade de meios educativos alternativos que não fossem tão somente os escolares, contribuindo assim para que a educação fora das instituições regulares de ensino fosse oficializada. A modalidade de educação não formal já era praticada no Brasil, embora fosse designada através de outros nomes como, educação alternativa, educação complementar, jornada ampliada e educação extraescolar, contudo não se inseria dentro de um campo específico do contexto educacional e sim, em diferentes áreas comprometidas com as questões sociais (LIMA; DIAS, 2008). Um exemplo disso é o Movimento Escoteiro, que antes da denominação educação não formal, era designado como um Movimento de educação extraescolar, comprometido com as questões sociais:

*O não formal* tem sido uma categoria utilizada com bastante frequência na área da educação para situar atividades e experiências, distintas das atividades e experiências que ocorrem nas escolas, por sua vez classificadas como *formais* e muitas vezes a elas referidas. Na verdade, desde há muito tempo classificava-se como extraescolares atividades que ocorriam à margem das escolas, mas que reforçavam a aprendizagem escolar, nas bibliotecas, no cinema, no esporte, na arte (FÁVERO, 2007, p.614, Grifos do autor).

É evidente que a denominação educação não formal passou a ser utilizada para designar todas as atividades de cunho educativo que ocorriam fora dos espaços de educação formal, substituindo o termo extraescolar. Desde a sua criação, o escotismo era descrito como um Movimento de educação extraescolar, na prática, o que ocorreu foi somente a substituição do termo, que passou a ser designado de educação não formal, contudo o seu sentido permaneceu

o mesmo.

Até a década de 1980, a educação não formal era um campo pouco valorizado no Brasil, tanto para os educadores como para as políticas públicas, haja vista que o alvo das atenções era as instituições de ensino. Mas, a partir da década de 1990, em decorrência, de mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho, “passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e a dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos” (GOHN, 1998, p. 512), ampliando assim a necessidade de ultrapassar os conteúdos programáticos curriculares, desenvolvidos pela educação formal.

A educação não formal é um processo que abrange várias dimensões, como a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos, a capacitação para o trabalho através da aprendizagem de habilidades ou do desenvolvimento das potencialidades dentre outros, contudo seja qual for à dimensão, a educação não formal “atua sobre os aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo” (GOHN, 2006, p. 30), contribuindo para a construção de uma identidade coletiva.

Quando o escotismo foi idealizado, no século passado, a terminologia “educação não formal”, ainda não tinha sido elaborada. A própria educação estava passando por um processo de profunda e radical transformação, ou como afirma Cambi (1999, p. 513) ocorria uma “revolução copernicana” na educação. As escolas, antes caracterizadas pelo seu aspecto exclusivamente elitista, estavam abertas às massas, nutrindo-se de forte ideal libertário, afirmando-se como instituição chave da sociedade democrática.

Nesse cenário de mudanças, foram postas em práticas as experiências educativas da “Escola Nova”, baseadas no primado do “fazer”, respaldadas, nas descobertas da psicologia que afirmava as diferenças entre a psique infantil e adulta e no movimento de emancipação de amplas massas populares, nas sociedades ocidentais, que reivindicavam participação ativa na vida social e política.

Desse modo, o programa educativo escoteiro se constituía em um complemento para a educação formal da época, ou seja, o escotismo surge como uma solução para educar os jovens fora do estabelecimento escolar, sem a pretensão de substituir a escola. Em meio à efervescência dos debates e das experiências da renovação pedagógica, Baden-Powell idealizou um Movimento infanto-juvenil que associava educação ao ar livre, fundamentado na autoeducação, no desenvolvimento físico, moral e intelectual. Defensor da autoeducação, Baden-Powell argumentava que ao sair da escola, os jovens ainda não estariam preparados para a vida adulta (NASCIMENTO, 2008).

No Brasil, assim como na Inglaterra, e em outros países para onde o escotismo se

expandiu, ele se caracterizou como um Movimento destinado à complementação da educação formal. No Brasil, apesar de ter sido implantado no ano de 1910, o escotismo só foi oficializado como uma instituição de educação extraescolar em 24 de janeiro de 1946, pelo Decreto-Lei nº 8.828:

Art. 1º- Fica reconhecida a União dos Escoteiros do Brasil no seu caráter de instituição destinada a educação extraescolar, como órgão máximo do escotismo brasileiro.

Art. 2º- A União dos Escoteiros do Brasil manterá a sua organização própria com direito exclusivo ao porte e uso dos uniformes, emblemas, distintivos, insígnias e terminologia adotados nos seus regimentos e necessários à metodologia escoteira.

Art. 3º- A União dos Escoteiros do Brasil realizará, mediante acordo, suas finalidades em cooperação com o Ministério da Educação e Saúde.

Art. 4º- A União dos Escoteiros do Brasil será anualmente concedida no orçamento geral da República, a subvenção necessária para a satisfação de seus fins (THOMÉ, 2006, p. 172-173).

Em terras brasileiras, o escotismo foi reconhecido como uma instituição destinada a complementar a educação das crianças e jovens, com direito ao uso de uniformes e à cooperação do Ministério da Educação e da Saúde. Sabemos que o processo de implantação do Escotismo nas cidades brasileiras não ocorreu de forma idêntica, mesmo porque não se deu em uma mesma temporalidade e em um mesmo contexto, ademais, o escotismo se adequou às peculiaridades e necessidades de cada local. O presente trabalho tem por objetivo problematizar a educação não formal desenvolvida pelos grupos de escoteiros da cidade de Campina Grande-PB, entre as décadas de 1980-1990.

## **METODOLOGIA**

Para alcançar o objetivo proposto, o presente artigo se ancora nas fontes imagéticas e impressas, tais como fotografias, cartas de fundações, livros de atas, registros de membros escoteiros, Leis, relatórios da União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e reportagens de jornais, publicadas no Diário da Borborema e Jornal da Paraíba.

É importante ressaltar que o jornal é portador de um discurso, portanto, não pode ser analisado como algo que é isento de intencionalidades, por isso, em nossa análise, tivemos o cuidado de “relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 378). Já a fotografia é um produto social e, em o sendo tal, ela é resultado de escolhas de

seus produtores e demais agentes que influenciaram em sua produção. Para Kossoy (2002), a fotografia é um artefato cultural, no qual foram registrados do tempo, acontecimentos sociais de diversas naturezas, ou seja, é um fragmento da realidade passada, que carrega em si marcas de um grupo social em um determinado espaço e temporalidade da história. Embora o registro fotográfico carregue em si a pretensão de ser um registro “fiel” dos fatos, ele não corresponde à realidade histórica, mas sim, a um indício, um vestígio da materialidade passada.

As fontes imagéticas e impressas se articulam a análise da bibliografia sobre o escotismo e a educação não formal, produzidas por Gohn (1998, 2006), Baden-Powell (1986, 2006), Nascimento (2008) e Blower (1994).

### **A emergência dos Grupos de Escoteiros campinenses**

A emergência dos Grupos de Escoteiros na cidade de Campina Grande-PB, nos anos 1979-1980, ocorre em um contexto marcado pela recessão econômica, gerada, sobretudo, pela perda dos incentivos da SUDENE<sup>3</sup>, responsável pela instalação de indústrias multinacionais e do Centro-Sul para o Distrito Industrial da cidade:

A década de 80 chega com o fim dos incentivos fiscais da SUDENE, muitas indústrias fecham as portas. Dá-se a diáspora do parque industrial, a transferência de capitais e empresas e um processo geral de desinvestimento com repercussões negativas no setor comercial e de serviços da cidade. As transformações nas relações de trabalho no campo, aliada a uma série de fatores conjunturais como a seca, fazem engrossar a corrente migratória para Campina Grande, que vai sendo absorvida precariamente, dentro de um quadro geral de desaquecimento da economia e aumento do desemprego, crescimento horizontal da cidade e favelização (LIMA, 2008, p. 193).

Nesse período, a economia local mostrou-se incapaz de gerar empregos em quantidade e com nível de remuneração satisfatório para absorver adequadamente a mão de obra oriunda da zona rural, ocasionando assim, altas taxas de desemprego e um grande número de pessoas ocupadas em atividades eventuais de baixa remuneração (BRASIL, 1981). Essa situação econômica provavelmente contribuiu para “empurrar” para a periferia da cidade a população menos favorecida. Em seu estudo sobre a atuação do grupo de extermínio “Mão Branca” na cidade de Campina Grande, na década de 1980, Silva (2010) explicita que cerca de 1.460

---

<sup>3</sup> A SUDENE, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, foi criada em 1959, com a finalidade de integrar a economia do Nordeste à economia nacional e redimensionar a divisão do trabalho. A cidade de Campina Grande integrou o projeto da SUDENE, entre 1960 a 1970, o número de indústrias e mão de obra no município aumentou quase 50%, com desdobramentos significativos no setor comercial e de serviços. (LIMA, 2008, p. 193).

famílias campinenses (equivalente a 2,7% da população) não possuíam nenhuma fonte de rendimento, ou seja, parte da população vivia em uma situação de extrema pobreza. Ainda de acordo com a autora, é nesse contexto que se observa um aumento da violência urbana e o surgimento de grupos de extermínios na cidade.

É nesse cenário de crise econômica e social que o discurso do Movimento Escoteiro começa a ganhar visibilidade na cidade. Como um discurso fundamentado na disciplina, moral e nos valores cívicos, que se propunha a complementar a educação de crianças e jovens, para torná-lo um cidadão ativo e útil para a sociedade não iria interessar as autoridades políticas locais? Nesse momento, o Movimento Escoteiro se apresenta como uma alternativa para afastar a população infanto-juvenil das ruas e ainda inculcar os valores morais, mantendo-as longe da violência urbana.

Essa crise econômica era reflexo de um contexto muito mais amplo. No início da década de 1980, o Brasil, governado pelo general João Figueiredo, vivia o processo de abertura política, iniciado pelo governo Ernesto Geisel no final da década de 1970. O quadro econômico brasileiro era de dívida externa e desvalorização salarial, consequência direta do “Milagre Econômico” (1968-1973), que em um primeiro momento gera um relevante crescimento da economia, modernização da indústria e oferta de empregos, contudo os custos desse crescimento econômico provocaram uma dependência externa, ocasionando assim uma retração econômica. A Ditadura Militar, que vigorou no país entre os anos de 1964-1985, trouxe consequências diretas para a educação, que passou a preparar o indivíduo para a modernização do Estado, buscando cumprir o ideal de desenvolvimento da nação e apelo cívico (MARCELINO, 2009). Era preciso adequar a população à nova ordem vigente, inculcando-lhe por meio de mecanismos pedagógicos, sentimentos patrióticos e obediência às Leis. Nesse sentido, o discurso escoteiro, caracterizado pela disciplina, obediência e amor a Pátria comungava com os ideais cívicos, morais e religiosos pretendidos naquele momento.

É nesse cenário de propagação do discurso nacionalista e recessão econômica que ocorre a fundação do Grupo de Escoteiros General Sampaio, na cidade de Campina Grande-PB. Exercendo suas atividades aos sábados à tarde no quartel da 5ª Companhia de Infantaria e participando ativamente de ações sociais promovidas na cidade, o referido Grupo passa a interagir com a sociedade, despertando o interesse de outras crianças e jovens.

A rápida aceitação do Movimento Escoteiro pode ser justificada pelo alto índice de crianças e adolescente na faixa etária que compreende entre os sete aos quatorze anos. De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 1980, a população da cidade de Campina Grande era de 247.964 habitantes, sendo que

26,7% dessa população era constituída de crianças nas idades dos 7 aos 14 anos, um número bastante significativo, se comparado com os números das outras faixas etárias, conforme observamos no quadro a seguir:

**Tabela 1- Distribuição da população, segundo a composição etária (1980)**

<b>GRUPOS ETÁRIOS</b>	<b>POPULAÇÃO</b>	<b>%</b>
0-3	36.922	14,8
4-6	18.250	7,14
7-14	66.082	26,7
15-18	24.300	9,8
19-24	24.846	10,0
25-29	14.902	6,0
30-39	22.590	9,1
40-59	29.012	11,7
60 e mais	11.060	4,5
<b>TOTAL</b>	<b>247.964</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Relatório anual da Educação Municipal de Campina Grande, 1981, p. 7

Cabe ressaltar que no início década de 1980, as atividades cívicas estavam entre as metas a serem alcançados pela Secretária de Educação do Município, assim também como o estímulo às práticas da educação física e desporto, elementos presentes no projeto educativo escoteiro. A ênfase da Secretaria da Educação do Município em estimular nos estudantes, a prática de exercícios físicos e a valorização dos símbolos cívicos é justificada pelo contexto em que o Brasil se encontrava, pois como já foi citado, nesse período o país ainda estava sob os ditames do regime militar e sendo assim era necessário que as crianças desde a mais tenra idade fossem condicionadas ao sentimento cívico.

Destarte, o escotismo foi ganhando visibilidade em Campina Grande<sup>4</sup> e no final do ano de 1984, o Movimento Escoteiro começou a se expandir na cidade, com a fundação do Grupo de Escoteiros do Ar<sup>5</sup> Santos Dumont, fundado em 22 de dezembro de 1984, por Justino Bezerra,

---

<sup>4</sup> Foram fundados dois Grupos de Escoteiros na cidade de Campina Grande que funcionaram por um curto intervalo de tempo, provavelmente, entre os anos de 1981 e 1983, não podemos precisar o tempo: o Grupo de Escoteiros do Mar Almirante Saldanha e o Grupo de Escoteiros Tiradentes. Entretanto as fontes são escassas. Elas poderiam informar sobre as fundações e tempo de funcionamento desses Grupos. Tomamos conhecimento da existência desses Grupos, através de algumas referências encontradas no arquivo do Grupo de Escoteiros General Sampaio. Por isso, optamos em não trabalhar com eles.

<sup>5</sup> O Escotismo se divide em três modalidades: a modalidade básica, que enfatiza as atividades em terra e o ambiente mateiro; modalidade do mar (surgiu em 1909) que dá ênfase às atividades orientadas para a especialização em marinharia e ambiente náutico, e por fim, a modalidade do ar, onde se prioriza as atividades

para especialização em aviação e ambiente aeronáutico. A modalidade do ar se originou, no Brasil, na década de

e em 7 de abril de 1990, é fundado o Grupo de Escoteiros Baturité, por iniciativa de Joilson Barbosa de Brito<sup>6</sup>.

Quando o Grupo de Escoteiros Baturité foi fundado, no início da década de 1990, o Movimento Escoteiro, em Campina Grande, já agregava 213 membros<sup>7</sup>, entre escoteiros e membros voluntários<sup>8</sup>, distribuídos nos Grupos General Sampaio e Santos Dumont. É importante ressaltar que o Grupo de Escoteiros Baturité foi fundado com apenas 11 membros: seis seniores e cinco escoteiros (CAMPINA GRANDE GANHA O TERCEIRO GRUPO DE ESCOTEIROS, 1990, p.5).

**Figura 1: O Grupo de Escoteiros Baturité na solenidade de inauguração**



**Fonte:** Campina Grande ganha o terceiro Grupo de Escoteiros, 1990, p.5.

Mas, apesar do Grupo de Escoteiros Baturité ter sido fundado com um número reduzido de membros, observa-se em um curto intervalo de tempo um aumento nesse número. Segundo os arquivos da Região Escoteira da Paraíba, no ano de 1991, o Grupo já congregava 58 membros, dentre eles, algumas meninas. Provavelmente, a demanda pelos Grupos de Escoteiros

---

1930 por iniciativa de integrantes da aeronáutica e se consolidou entre as décadas de 1960-1980 com o Curso de Adestramento do Ar (CATAR) para adestrar os escoteiros e chefes (NASCIMENTO, 2008, p. 68). Tal fato demonstra a influência dos militares no Escotismo brasileiro. Fica a critério dos Grupos de Escoteiros a escolha pela modalidade a ser seguida. O GE General Sampaio e o GE Baturité são da modalidade básica, já o GE Santos Dumont segue a modalidade do ar.

<sup>6</sup>Registro da União dos Escoteiros do Brasil nº 002/85.

<sup>7</sup>Dados consultados no Relatório anual da União dos Escoteiros do Brasil da região da Paraíba, 1991, p. 7.

<sup>8</sup>Os membros voluntários também são considerados escoteiros, assim como as crianças e jovens, eles também fazem a Promessa escoteira, onde se comprometem a seguir os princípios do Escotismo.

seja explicada pelo fato das crianças e jovens vislumbrarem no Movimento Escoteiro uma forma de lazer e diversão, uma vez que o escotismo oferecia uma forma de educar que se distanciava da educação escolar, fundamentada em um método educativo que priorizava vida em equipe, jogos e brincadeiras ao ar livre.

## O Método de Escoteiro

O método escoteiro desenvolvido nos três Grupos de Escoteiros de Campina Grande (General Sampaio, Santos Dumont e Baturité), nas décadas de 1980-1990, funcionava como um sistema, no qual os seus elementos complementavam-se, formando um todo integrado e unificado. Assim, o método era composto pela promessa e Lei escoteira, desenvolvimento pessoal, aprender fazendo, vida em equipe e atividades progressivas:

**Figura 2: Elementos que compõem o Método Escoteiro**



Fonte: União dos Escoteiros do Brasil, 2005, p. 21

De acordo com a UEB (2005, p. 20), cada elemento é destinado a contribuir para o processo educacional de uma maneira específica e cada elemento complementa o impacto do outro. Todos os elementos são, no entanto, necessários para que o sistema como um todo funcione e devem ser usados de forma que sejam condizentes com o propósito e os princípios

do escotismo.

Ao ingressar no Movimento Escoteiro, a criança ou jovem, são denominados de noviços ou aspirantes<sup>9</sup> e passa por um período introdutório de três meses para conhecer os princípios do escotismo, onde deve cumprir quatro etapas. Na primeira etapa, denominada de **Fraternidade**, o aspirante aprende sobre a história do escotismo, a fazer a saudação, aprende o Lema, dar o aperto de mão escoteira, conhecendo o seu significado, aprende ainda, os sinais manuais e a estrutura de uma Tropa. Na segunda etapa, denominada de **Segurança**, o jovem aprende as regras de segurança em casa, na rua, na sede, em uma excursão, a fazer nós e amarras<sup>10</sup>; também é apresentado aos aspirantes o uniforme, distintivos e ensinado o manejo de faca e canivete, acessórios úteis em acampamentos. Já na etapa **Comunidade** o aspirante deve demonstrar que sabe cantar o hino nacional, hastear e arriar a bandeira nacional, conhecer o significado de economia e por fim, na etapa **Valores**, o aspirante precisa conhecer e interpretar a promessa e a Lei escoteira, assim, como os princípios de sua religião<sup>11</sup>.

### Figura 3-Cerimônia de promessa



Fonte: Arquivo do Grupo de Escoteiros do Ar Santos Dumont

<sup>9</sup> Atualmente não se usa mais o termo noviço ou aspirante.

<sup>10</sup> Baden-Powell (2006) argumenta que, os escoteiros devem aprender a fazer, nós e amarras, considerados essenciais para a vida no acampamento e também para o dia a dia.

(83) 3322.3222<sup>11</sup> Jornal Correio Utyque Mopya-tá, I edição, outubro de 1993, p. 2. (jornal produzido pelo Grupo Baturité).

A promessa simboliza o momento do ingresso do jovem no escotismo. A cerimônia da promessa é realizada diante de todos os membros do Grupo, que se reúnem em um semicírculo, em forma de ferradura, no centro, a aspirante faz a sua promessa, se comprometendo a cumprir a Lei escoteira. Após ser “promessado”, o escoteiro tem que viver de acordo com os artigos da Lei escoteira:

I. O escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que a sua própria vida; II. O escoteiro é leal; III. O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação; IV. O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros; V. O escoteiro é cortês; VI. O escoteiro é bom para os animais e as plantas; VII. O escoteiro é obediente e disciplinado; VIII. O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades; IX. O escoteiro é econômico e respeita o bem alheio; X. O escoteiro é limpo de corpo e alma (BADEN-POWELL, 2006, p. 24).

Baden-Powell (1986, p. 55), explica que, a Lei Escoteira não foi elaborada sobre uma base negativa, “ela foi imaginada para servir de guia às suas ações, mais do que de repressão às suas faltas. É simplesmente uma declaração do que se espera de um escoteiro.” Mas apesar de não ser proibitiva, a Lei Escoteira é um tipo de código de conduta, que tem a finalidade de regular e normatizar o comportamento dos jovens, isso fica nítido em todos os seus artigos. Não obstante, a palavra Lei já pressupõe algo que deve ser cumprido.

A **vida em equipe** é caracterizada pelo sistema de patrulha, que é considerada o sustentáculo do Movimento Escoteiro, uma vez que, ela se fundamenta na ideia de organização, na qual se baseia a pedagogia escoteira (BLOWER, 1994). “O sistema de patrulha é a formação de pequenos grupos permanentes, cada um sob a responsabilidade de um rapaz encarregado da chefia” (BADEN POWELL, 1908 apud PHILLIPPS, 2002). Para Baden-Powell (1986), a convivência em pequenos grupos, compostos por indivíduos da mesma faixa etária, com objetivos em comuns, estimula o processo de sociabilização e a capacidade para a cooperação e liderança.

O **desenvolvimento pessoal** busca estimular o desenvolvimento dos seus membros juvenis, os Grupos de Escoteiros organizam **atividades progressivas**, que levam em consideração os objetivos que são pretendidos. De acordo com a UEB (2005), as atividades e jogos escoteiros se caracterizam por serem atraentes e variáveis, os mesmos são realizados ao ar livre em contato direto com a natureza, e estimulam o jovem a enfrentar desafios e a superar seus limites. No escotismo, os jogos não são apenas lazer e diversão, eles são planejados com uma finalidade de desenvolver a saúde, o vigor e o aprimoramento do caráter (BADEN-POWELL, 2006), dito de outro modo, os jogos são pensados para que as crianças e jovens

sejam estimulados a lidar com alegrias e frustrações, a entender o significado de cooperação e a respeitar regras, por isso, é que os jogos são organizados de maneira que envolva todos os escoteiros e também para que sejam agradáveis, para que dessa forma, possa-se alcançar os objetivos pretendidos:

Estes jogos tem que ser atraentes e devem despertar o espírito de competição, pois é através deles que inculcamos as noções de coragem, respeito às regras do jogo, disciplina, autodomínio, vivacidade, fortaleza de ânimo, liderança e auto-sacrifício em benefício da vitória de sua equipe, no jogo (BADEN-POWELL, 2006, p.67).

É válido ressaltar que os jogos também geram competições que são estimuladas por recompensas, como por exemplo, os vencedores das competições que ocorriam nos acampamentos eram premiados com bandeirolas, o que se configura em um tipo de recompensa

Antes de serem realizados com as crianças e jovens, as atividades e os jogos eram testados e eram seguros. Os Grupos de Escoteiros de Campina Grande, também incentivavam o jovem a conquistar especialidades, que de acordo com a UEB (2008, p. 7), “é um conhecimento ou uma habilidade particular que se possui sobre um determinado tema”.

### **A coeducação no escotismo campinense**

As discussões sobre a instituição das escolas mistas no ensino escolarizado durante as conferências mundiais de educação, na segunda metade da década de 1970, possibilitaram pensar o Movimento Escoteiro como lugar de coeducação (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011). A coeducação é definida pela UEB (2008) como sendo um processo, no qual meninos e meninas, rapazes e moças vivenciam um plano educacional para atingir um desenvolvimento harmônico da personalidade, favorecendo assim, à educação recíproca, onde estão presentes os princípios, o propósito e o método de ensino escoteiro. Os dados do Relatório Anual da UEB, realizado, no ano de 1992, sugere que essa coeducação ainda estava começando a trilhar o seu caminho, visto que os Grupos de Escoteiros eram constituídos em sua grande maioria por pessoas do sexo masculino, tal como acontecia, no estado da Paraíba.

**Figura 4: Distribuição de membros por Ramos no Escotismo**



Fonte: Relatório da UEB, 1992, p.12

No Brasil, o processo de coeducação, no Movimento Escoteiro foi implantado entre os anos de 1979 e 1985, a partir de então, os Grupos de Escoteiros passariam, gradativamente, a admitir em seus espaços, lobinhas, escoteiras, guias e pioneiras (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011). Durante esse período, 16 Grupos de Escoteiros experimentais puseram em prática a coeducação, nos ramos: Lobinho, Escoteiro, Sênior e Pioneiro. As dúvidas, sobre a viabilidade da coeducação no escotismo, foram esclarecidas, através das experiências desenvolvidas nesses Grupos. Para um grupo de escoteiros se transformar em um grupo de escoteiros misto, era preciso optar por uma das alternativas:

A primeira seria as seções paralelas ou independentes, em que um Grupo Escoteiro com uma seção feminina realizaria atividades eventuais e progressivas com a Seção Masculina. A segunda, denominada seções integradas, agregaria meninos e meninas em uma mesma tropa, mas em patrulhas ou matilhas distintas por sexo. A terceira, chamada seções mistas seriam formadas por equipes mistas com equilíbrio numérico entre meninos e meninas, com Chefia Mista (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011, p.8).

Em Campina Grande, os Grupos de Escoteiros sempre foram mistos, mas inicialmente, predominou a primeira alternativa, ou seja, funcionavam nesses Grupos as chamadas seções paralelas. No final da década de 1980, o Grupo de Escoteiros General Sampaio tinha uma tropa composta somente por meninas. A tropa feminina e a tropa masculina não realizavam a mesma atividade, as meninas e os meninos só se encontravam na cerimônia de abertura da reunião,

quando todo o Grupo se reunia para o hasteamento da Bandeira, cantar o hino nacional e fazer uma oração, em seguida cada tropa se dirigia às suas atividades, voltando a se reunirem, no final da tarde, para o encerramento da reunião.

As tropas femininas tinham que ser coordenadas por chefes mulheres, pois os dirigentes do escotismo consideravam que elas tinham a sutileza necessária para lidar com as garotas, que estavam vivendo as turbulências da pré-adolescência. As atividades entre meninos e meninas eram eventuais, a convivência entre eles só acontecia em acampamentos ou quando os chefes das patrulhas, masculina e feminina, decidiam fazer uma atividade conjunta, como por exemplo, um jogo que reunisse tanto os escoteiros quanto as escoteiras, para que as reuniões não ficassem repetitivas. Entretanto, não era em todos os acampamentos que os meninos e as meninas realizavam atividades conjuntas, muitas vezes isso só acontecia nos acampamentos regionais (a exemplo do ELO), que envolviam todos os Grupos de Escoteiros da Paraíba.

Quando eram realizados os chamados acampamentos de Grupo, tinha-se o cuidado de organizar jogos, brincadeiras que possibilitassem colocar meninos e meninas competindo em lados opostos, ou seja, mesmo que estivessem juntos, no mesmo acampamento, observa-se que ainda assim, havia certa separação entre os sexos. Mas porque essa preocupação em separar meninos e meninas? Provavelmente, essa preocupação dos pais refletia uma preocupação comum nesse período, ou seja, a separação entre os sexos, masculino e feminino. Assim, os pais não achavam prudente deixarem suas filhas acamparem junto com os meninos, pois temiam que essa convivência estimulasse o namoro entre ambos. Outro ponto a considerar é que o escotismo, durante muito tempo, foi visto como uma atividade, tipicamente, masculina, talvez por isso, houve essa resistência inicial em juntar meninos e meninas na mesma tropa. Muitas das meninas que integraram os Grupos de Escoteiros de Campina Grande, principalmente, na década de 1980, tinham irmão (s) que faziam parte desses Grupos, o que justifica em parte, o ingresso delas no Movimento Escoteiro.

Essa divisão entre meninos e meninas, observadas nos ramos, Escoteiro e Sênior, não se estendia ao ramo Lobinho, onde as matilhas eram mistas. Os chefes de seção do ramo Lobinho (chamados de akelás) eram mulheres, devido à paciência e o instinto maternal que lhes são atribuídos. Mesmo quando os Grupos de Escoteiros de Campina Grande, em meados da década de 1990, introduziram as tropas mistas, coube aos homens assumirem a liderança, já para as mulheres, pelo menos em um primeiro momento, foi imposta a função de assistente, denotando assim, a existência de uma divisão de gênero no Movimento Escoteiro de Campina Grande.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fundação do primeiro Grupo de Escoteiros da cidade de Campina Grande, denominado General Sampaio, ocorre em um contexto em que a cidade vivenciava os reflexos da recessão econômica que assolava todo o país. Nesse período, no Brasil, estava em curso o processo de abertura política iniciado no governo de Ernesto Geisel, no final da década de 1970, já o quadro econômico brasileiro era de dívida externa e desemprego, gerado, sobretudo, pelo “milagre econômico”.

É nesse contexto militar, caracterizado pelo desemprego, violência, déficit habitacional e alto índice de crianças, na faixa etária entre os 7 e os 14 anos, que o escotismo ganhou visibilidade, na cidade de Campina Grande. A educação disciplinadora do escotismo acenou como uma alternativa para inculcar nas crianças e jovens campinenses a obediência, o civismo e o patriotismo, valores caros naquele momento tão conturbado.

Em 1984, é fundado o Grupo de Escoteiros do Ar Santos Dumont. Em 1990, a fundação do Grupo de Escoteiros Baturité vem confirmar a expansão do escotismo campinense. No entanto, essa expansão não se deu de forma harmoniosa, uma vez que, os dois últimos Grupos foram fundados devido a divergências de opiniões dos membros voluntários, promovendo assim, o desmembramento dos Grupos já existentes.

Sendo caracterizada como um tipo de educação não formal, a prática educativa escoteira intencionou educar as crianças e jovens campinenses. Um dos principais instrumentos utilizados para alcançar esse objetivo foi o Método Escoteiro, composto pela promessa e Lei escoteira; desenvolvimento pessoal; aprender fazendo; vida em equipe e atividades progressivas, idealizado por Baden-Powell, no início do século XX.

Constatamos ainda, que a coeducação no Movimento Escoteiro em Campina Grande era parcial e caracterizada por certa distinção entre os gêneros. Havia dentro dos Grupos: General Sampaio, Santos Dumont e Baturité, a existência de tropas femininas e masculinas. As tropas femininas do ramo escoteiro e Sênior, assim como o ramo Lobinho, eram, preferivelmente, coordenadas por chefes do sexo feminino, devido à paciência e o instinto maternal que eram comumente atribuídos às mulheres. Talvez, essa resistência em juntar meninos e meninas na mesma tropa seja explicada pelo fato de que o escotismo era visto como uma atividade tipicamente masculina, devido, sobretudo, as suas características militares.

## REFERÊNCIAS

BADEN-POWELL, Robert. **Escotismo para Rapazes**. Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2006. (Edição Comemorativa ao centenário do Escotismo- 1ª edição 1908).

\_\_\_\_\_. **Lições da Escola da vida**: autobiografia de Baden-Powell. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1986.

BLOWER, Bernard David Almirante. **História do Escotismo Brasileiro**: Os primórdios do Escotismo no Brasil. Vol. I- 1919-1924. Rio de Janeiro: CCME, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRASIL. **Relatório anual da Educação Municipal de Campina Grande**, 1981.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

Campina Grande ganha o terceiro Grupo de Escoteiros. **Jornal da Paraíba**, Campina Grande, 10 abr. 1990, p. 5.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História**. RJ: Campus, 1997.

FÁVERO, Osmar. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. **Educação & Sociedade**, vol. 28, n.99, p. 614-617, maio/ago. 2007.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Revista Ensaio**: avaliação política pública da Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

\_\_\_\_\_. Educação não formal um novo campo de atuação. **Revista Ensaio**: avaliação política e pública da Educação, Rio de Janeiro, v.6, n. 21, p.511- 526, out./dez. 1998.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LIBANÊO, José Carlos. **Pedagogias e pedagogos**: inquietações e buscas. Educar nº 17, p. 153-176. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

LIMA, Elisabeth Cristina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. Campina Grande: EDUFPG, 2008.

LIMA, Paulo Gomes & DIAS, Isabel de C. Gonçalves. **Educação não-formal**: um intertexto sobre sua caracterização. Revista de Ciências da Educação – UNISAL Americana/SP - Ano X - Nº 19 - 2º Semestre/2008, p. 141-173.

MARCELINO, Mariane Amboni. **A Ditadura Militar e os livros didáticos de História**. Monografia (Especialização em História) - Faculdade do extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, Santa Catarina, 2009

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell** – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

PHILLIPPS, Roland E. **O sistema de Patrulhas**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Escoteira, 2002.

SANTOS, Aldenise Cordeiro; LESSA, Livia Lima; SANTANA, Anthony Fábio Torres. **Mulheres nas tropas escoteiras**: um movimento para pensar a co-educação no escotismo.

SILVA, Luciana Estevam da. **Cidade e violência**: Campina Grande na década de 1980 e as representações do mão branca nos jornais. 2010, 109f. (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

THOMÉ, Nilson. Escotismo História de uma prática educativa extraescolar. In: **Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação-COLUBHE 2006**, Uberlândia: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2006.

UEB (União dos Escoteiros do Brasil). **As Características essenciais do Escotismo**. Tradução e adaptação: Fernando Brodeschi e Melissa Martins Casagrande. Curitiba, 2005.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual da União dos Escoteiros do Brasil**, 1992.